



R E V I S T A
D I A K O N I A

“SERVINDO A QUEM FOI CHAMADO A SERVIR.”

MULHERES
E OS
OFÍCIOS DA
IGREJA

E X P E D I E N T E

EDITORES Adriano Gama
Elienai B. Batista

ASSISTENTE Déborah Diná Oliveira Silva
EDITORIAL

REVISÃO Ester Conceição dos Santos
Arielle de Eça

TRADUÇÃO Morgana Mendonça dos Santos

PROJETO Thiago de Azevedo Nunes
GRÁFICO

DIAGRAMAÇÃO Thiago de Azevedo Nunes

WEBSITE Israel F. B. Batista

FALE contato@revistadiakonia.org
CONOSCO

A revista Diakonia é uma publicação mensal do Instituto João Calvino. Os pontos de vista expressos nesta revista refletem os juízos pessoais dos autores, não representando necessariamente a posição de seus editores. Os direitos de publicação desta revista são do Instituto João Calvino. Permite-se reprodução desde que citada a fonte e o autor.

O Instituto João Calvino está localizado na Rua José Veríssimo no. 777, Aldeia, km 8 - Camaragibe - PE. CEP: 54789-080.
joacalvino.org

Copyright © 2018 Instituto João Calvino. Todos os direitos reservados.

S U M Á R I O

JIM
WITTEVEEN



EDITORIAL

04

DR. J. VAN
BRUGGEN



CONSELHO DO
DR. J. VAN BRUGGEN
AO SÍNODO EDE 2014 SOBRE
A MULHER NO OFÍCIO

06

WES
BREDENHOF



MISSIONÁRIAS:
O QUE A
MISSIOLOGIA REFORMADA
TEM A DIZER?

11

JIM
WITTEVEEN



MULHERES
E
OFFÍCIO
ECLESIÁSTICO

14

CLARENCE
BOUWMAN



DÉBORA E BARAQUE: EXEMPLO
PARA AS MULHERES OU
CONSTRANGIMENTO PARA OS
HOMENS?

19

EDITORIAL

Jim Witteveen

O tema desta edição da Revista Diakonia é “As mulheres e os ofícios na igreja”. Embora esta questão continue a ser importante para a igreja cristã no Século 21, a crescente aceitação das mulheres nos ofícios eclesiásticos no mundo evangélico é realmente um sintoma de uma questão ainda mais séria que confronta a igreja em todas as gerações. Essa questão é nossa compreensão das Escrituras e nosso uso das Escrituras.

O objetivo da Revista Diakonia é equipar os homens para posições de liderança na Igreja de Cristo. A liderança é sempre uma questão importante, e existem muitos livros, cursos e programas que ensinam as várias habilidades de liderança. Como oficiais, precisamos ser capazes de nos comunicar efetivamente. Precisamos ser capazes de liderar de uma maneira semelhante a Cristo. Precisamos aprender como governar no nível prático, como encorajar, como exortar e como falar a verdade em amor. Precisamos aprender a usar a autoridade que nós recebemos de Cristo com paciência, gentileza e respeito.

Mas como oficiais eclesiásticos, nossa posição é diferente do que a posição do gerente de uma empresa, por exemplo. Precisamos de mais do que as habilidades de liderança que são necessárias para os líderes de qualquer organização “secular”. Precisamos estar equipados para fornecer liderança baseada firmemente na Palavra de Deus. A primeira área de conhecimento que os líderes na Igreja de Cristo precisam para governar bem é o conhecimento das Escrituras.

Primeiro de tudo, precisamos saber o que as Escrituras dizem. Um conhecimento básico do conteúdo das Escrituras é essencial, nosso ponto de partida. Mas também precisamos saber como aplicar o que lemos - em nossas próprias vidas e na vida da igreja.

O termo técnico para essa disciplina é “hermenêutica”. É uma palavra grande e pode ser uma palavra desconhecida fora do seminário, mas é uma atividade em que todos participamos, a qualquer momento em que lemos qualquer texto - seja o jornal, ou uma revista, um romance, um livro técnico, ou a Bíblia. E para os líderes da Igreja, uma compreensão da hermenêutica, a correta interpretação e aplicação da Palavra de Deus, é essencial.

A importância dessa disciplina se torna clara quando nos confrontamos com questões como a posição de homens e mulheres na Igreja. Como devemos ler e compreender as exportações do

apóstolo Paulo sobre o papel das mulheres na liderança da Igreja? Como aplicamos os exemplos históricos que encontramos em toda a Escritura, como a história de Débora e Baraque, por exemplo? Como interpretamos esses documentos tão antigos em nosso ambiente cultural? Eles significam algo diferente para nós do que para seus leitores originais? Ou a nossa aplicação dos princípios das Escrituras pode variar, dependendo do tempo e lugar em que vivemos?

Os líderes da Igreja precisam entender essa questão básica a fim de fornecer uma liderança bíblica eficaz, centrada em Cristo e a glória de Deus. Precisamos ser capazes de responder às perguntas que nossos membros têm, perguntas que são frequentemente o resultado das pressões colocadas na Igreja pelo mundo ao nosso redor. Os presbíteros da Igreja precisam ser capazes de avaliar a mensagem que os ministros da Palavra estão proclamando, com o objetivo de prover orientação e supervisão apropriadas da pregação, para proteger o rebanho que lhes foi confiado, com o propósito de prover somente o melhor alimento espiritual para as ovelhas.

O apóstolo Paulo advertiu os presbíteros em Éfeso sobre os lobos que viriam para atacar as ovelhas em Atos 20.29-30:

“Eu sei que, depois da minha partida, entre vós penetrarão lobos vorazes, que não pouparão o rebanho. E que, dentre vós mesmos, se levantarão homens falando coisas pervertidas para arrastar os discípulos atrás deles.”

Como Paulo advertiu, infelizmente esses lobos muitas vezes entram no aprisco e por isso não podemos dizer que o perigo só existe fora do rebanho. Como oficiais, devemos fazer tudo o que pudermos para proteger amorosamente nossas ovelhas das influências negativas do mundo. Essas influências podem ser sutis, mas muitas vezes se originam de entendimentos errôneos de como devemos interpretar e aplicar o ensino da Palavra de Deus.

É nossa oração que esta edição da Revista Diakonia, assim como os artigos que são regularmente publicados no nosso site, sirvam como uma ajuda para os oficiais na Igreja, neste nível fundamental - ajudando todos nós a “manejar bem a palavra da verdade” (1 Timóteo 2.15), “a fim de que o homem de Deus seja perfeito e perfeitamente habilitado para toda boa obra” (1 Timóteo 3.17).

Devemos levar nossa responsabilidade a sério e isso requer esforço. Que Deus nos conceda, como os oficiais da Sua Igreja, a força que precisamos para usar os dons que Ele nos deu, para Sua glória e para o bem do Seu povo.

CONSELHO DO DR. J. VAN BRUGGEN AO SÍNODO EDE 2014 SOBRE A MULHER NO OFÍCIO

Wes Bredenhof

Ao Sínodo Geral das Igrejas Reformadas na Holanda, Ede 2014.

Caros irmãos em Cristo,

Vossa assembleia me pediu para comentar sobre o relatório Homens e Mulheres a serviço do Evangelho. Deverá ser breve, me fora dito. Apenas será breve se nós focarmos no essencial.

É bastante tentador para vossa assembleia neste momento se unir ao comitê e adotar sua proposta: “A visão de que além de homens, mulheres também podem servir nos ofícios da igreja, conforme descrito neste relatório, se encaixa dentro do espectro do que pode ser caracterizado como bíblico e reformado”. Ao tomar essa decisão, vocês iriam ao encontro dos sentimentos de muitos e eliminaria as dificuldades nas relações com a NGK, e na aprovação de alguns projetos missionários. (O relatório também enfatiza repetidamente esses benefícios.)

Mas, antes que esses “benefícios” os levem a concordarem com este relatório, é preciso considerar qual o preço que terá de ser pago.

Afinal, não se pode negar que o nosso apóstolo Paulo, guiado pelo Espírito Santo, exige de nós, na organização da vida congregacional, levar em conta a diferente criação do homem e da mulher (1 Timóteo 2.13; comparando a referência com a Lei [neste caso, Gênesis 1-2] em 1 Coríntios 14.34b, e 1 Coríntios 11.8-9,12), bem como a realidade da história do pecado no paraíso (1 Timóteo 2.14).

É nossa responsabilidade explicar isso em épocas posteriores, com organização de congregações bem diferentes em várias épocas e países. Em todo o mundo e durante todos os séculos anteriores, isso levou as igrejas a fazer distinção entre os ofícios que o homem deve cumprir e outras tarefas que pertencem especificamente à mulher, ou ao homem e à mulher juntos.

Tradicionalmente, as Igrejas Reformadas também se alinhavam a esse costume e práti-

ca de todas as congregações (para tal alinhamento, compare 1 Coríntios 11.16, 14.33, 36). As Igrejas Reformadas (libertadas) reafirmaram esse alinhamento em 1993, quando da introdução do direito de voto das mulheres, afirmaram que isso não diz respeito a um ato de governo.

A comissão não justifica sua mudança no debate nesta decisão relativamente recente de um sínodo de sua própria federação. Isso é estranho, mas não incompreensível. Subjacente à decisão do Sínodo de Ommen de 1993, havia uma consideração de como a Bíblia fala hoje conosco sobre os ofícios da Igreja. Foi resumido como “governar”. Os comitês não entram mais em uma discussão desse tipo, porque consideram que a instrução do Apóstolo sobre esse assunto não é diretamente relevante para nós hoje.

Paulo, um apóstolo de nosso Senhor Jesus Cristo, estava convencido de que “toda Escritura é inspirada por Deus e é útil para o ensino, para a repreensão, para a correção, para a educação na justiça.” (2Tm 3.16). Com base nessa convicção, ele também escreveu, usando Gênesis 1-3, sobre a organização da vida da igreja. A partir das Sagradas Escrituras, ele instruiu as congregações a respeito do dever de se exercitarem na piedade e virtude (veja Atos 20. 28-32).

O relatório da comissão apresenta um quadro muito diferente. Paulo supostamente usou as Escrituras como uma fonte para argumentar quando descreveu qual a impressão que as congregações causavam em seus arredores. Se isso fosse verdade, nós, cristãos modernos, através de um raciocínio semelhante, poderíamos chegar a conclusões muito dife-

rentes, para nos unirmos ao que nossa cultura acredita como sendo normal.

A página 24 do relatório mostra como esse conceito de “contexto” pode ser prejudicial para a unidade da história redentora de Deus e para a autoridade da palavra apostólica. Ali lemos o seguinte:

Em 1 Timóteo 2, [Paulo] não apela para uma informação específica das Escrituras (“as Escrituras dizem ...”), mas ele nos lembra da história de Adão e Eva como um evento histórico: criação, queda, redenção. Tal lembrança de um evento histórico, mesmo no início da história, não é um apelo normativo aos preceitos de Deus. Semelhantemente, Pedro confronta suas leitoras com o exemplo de Sara, que se dirigiu ao marido como “meu mestre” (1 Pedro 3.5-6; ver Gênesis 18.12). Em 1 Timóteo 2.13 (“Porque primeiro foi formado Adão, depois Eva”), Paulo usa a situação no Paraíso para guiar Timóteo e sua igreja na direção correta. Ao fazê-lo, ele interpreta a ordem dos eventos de criação como uma ordem de classificação. Enquanto a noção de uma ordem de classificação criada, na qual cada pessoa foi designada a sua posição adequada, ajusta-se bem aos padrões sociais existentes do dia, em nossa situação tal ideia parece estranha. Assim, o uso desse argumento também é enviesado por seu contexto.

1. O início desta citação imediatamente levanta questionamentos. Por que um apelo à história de Deus na criação e redenção não seria “dado da Escritura”? Por que um lembrete de um “evento histórico” não tem valor normativo? A história de Deus com seu povo “ocorreu como um exemplo para nós”, escreve Paulo em 1 Coríntios 10.6. Paulo e Pedro

apontam para os exemplos de Adão, Eva e Sara, porque forneceram modelos masculinos e femininos para seu próprio comportamento. A obra do Criador e a atitude de Sara são instrutivas para nós, cristãos — de acordo com os apóstolos de Jesus Cristo!

2. Precisamente porque Paulo escreve como “comissionado por Deus” (1 Timóteo 1.1), é estranho que a citação fale sobre suas palavras a Timóteo e Éfeso de uma maneira tão humanista e limitada. Eles escrevem que Paulo “usa a situação no paraíso para apontar Timóteo na direção certa”. Paulo estaria “interpretando” a sequência da criação como uma ordem de classificação. Isto é, em 1 Timóteo 2.13 estamos lidando com um exemplo da criação, mas com uma interpretação de Paulo que não está na Bíblia (Gênesis), mas que ele acrescenta para se ajustar ao que “se ajusta bem ao padrão social existente”. Em outras palavras, devemos o exemplo de “classificação” não a Gênesis 2, mas à sociedade no primeiro século d.C. e a Paulo emprega Gênesis 2 para sugerir que essa “classificação” foi realmente criada! Isso significa que o apóstolo de nosso Senhor Jesus Cristo, de fato, teria maltratado as Escrituras em sua referência a Gênesis 2.

3. Apesar de todas as boas palavras no relatório sobre a autoridade das Escrituras, a citação acima implica que 1 Timóteo 2.13 não tem autoridade para nós, porque é Paulo quem ‘interpretou’ a ordem de criação ‘como uma classificação’, e porque essa interpretação foi bem adequada ao seu próprio tempo, mas não ao nosso. Assim como a prevalência de uma certa visão inspirou Paulo a fazer um uso específico de uma situação passada (Paraíso), assim a ‘estranheza’ dessa ideia em nos-

so tempo pode nos levar a descartar a palavra de Paulo, como algo que teve valor apenas no passado.

Quando deixamos essas palavras do nosso apóstolo para trás, no contexto de seu próprio tempo, e nos concentramos no contexto em que vivemos, chegamos a um beco sem saída. Qual cultura se torna nossa norma? A de D-66 [politicamente branda, AVr] Holanda, ou certas subculturas de Amsterdã ou Utrecht? O professor de ética de Kampen escreveu recentemente que as igrejas nos países muçulmanos podem ter que lidar de maneira muito diferente com as mulheres no cargo, a fim de obter o mesmo efeito de não ofender. Mas que impressão a igreja dá aos 16,9% muçulmanos na Holanda?

Felizmente o Senhor através das Escrituras nos coloca no caminho contínuo de sua própria história, e seu objetivo é expressar isso em sua igreja. Aos olhos do mundo, ela compartilhará sua atitude para com o evangelho: loucura para com os gregos! Quão bom é que nós, cristãos, precisamente com base nas características especiais da igreja, possamos falar sobre a realidade de Adão e Eva, da criação e queda do homem, do amor e da misericórdia. Enquanto escrevo isto, eu me pergunto com certo desânimo se eu escrevo para um sínodo de Igrejas Reformadas. Quem levaria carvão para Newcastle? Será que estou fora desta pista porque não falo com profundidade sobre a hermenêutica desenvolvida no relatório? Afinal, não é essa hermenêutica a justificativa para não mais aplicar as declarações paulinas sobre Adão e Eva, criação e queda do homem?

Na verdade, era minha intenção primeiro escrever uma nota sobre essa hermenêutica,

mas gradualmente me dei conta de que isso realmente tiraria meus conselhos do rumo certo.

1. As elaborações apresentadas no relatório, completas com gráficos, não pertencem a um documento eclesiástico e pastoral. Isso também se aplicaria a uma discussão analítica deles.

2. Pode-se preencher muitas ou poucas páginas com argumentos, mas no final nós crentes lemos o que Paulo escreve, sem considerações teóricas e diagramas. E então não podemos escapar do fato de que ele exorta as igrejas a darem conta de Gênesis 1-3 na organização da vida congregacional. Ele nunca diz que ele usa os textos de Gênesis meramente como um argumento ocasional para permanecer em conformidade com a posição social de mulheres e homens de seu tempo. Como ele pôde fazer isso? Muitos séculos depois, a narrativa de Gênesis ainda é decisiva para as igrejas do Novo Testamento, porque é obra de Deus e nossa história! Portanto, o apóstolo apela a isso, embora os novos cristãos em Éfeso não estivessem familiarizados com as histórias de Gênesis, que soavam estranhas em sua cultura. É por isso que Paulo também ordena ao pregador Timóteo: “ordena e ensina estas coisas” em Éfeso (1 Timóteo 4.11). Devemos, portanto, levar a sério seus argumentos e permitir que sejamos ensinados por ele (quer achemos isso difícil ou fácil). Se deixarmos de fazê-lo, não apenas afastaremos Paulo, mas Gênesis também! E sentimos falta do fato de que Paulo não está preocupado com a remoção de ofensas potenciais aos incrédulos, mas sim com o ensino do que é apropriado para as mulheres que alegam adorar a Deus (1 Timóteo 2.10). Não somos descendentes de nossos ancestrais Adão e Eva da mesma maneira que nossos irmãos e irmãs em Éfeso?

3. Quando perguntei ao seu secretário o que exatamente estava envolvido neste pedido de um conselho meu como um exegeta, porque o relatório toma uma posição decisiva sobre a hermenêutica para a leitura das Escrituras, ele gentilmente escreveu que eu ensinei Hermenêutica em Kampen. De fato, na linha de Van Andel e Greijdanus, ensinei as regras para a interpretação da Bíblia (hermenêutica clássica) por 35 anos, e repetidas vezes refutei a nova hermenêutica: ela considera a Bíblia como um documento do passado, que deve continuamente ser infundido com um novo significado em novos contextos. Eu também escrevi sobre isso em *Het Kompas van het Christendom* e outras publicações. Isso não é tanto sobre conhecimento ou informação, mas sobre escolhas e decisões.

O comitê sugere que a linha de raciocínio de seu relatório está de acordo com a tradição reformada (p. 20). Como prova disso, eles mencionam meu nome. Ilegitimamente então: no artigo citado pelo comitê, eu estava lidando com a relação entre o significado das palavras e o contexto cultural e social. A visão dos deputados tem a ver com uma questão diferente, a saber: o significado do texto e do contexto cultural e social.

4. Eu acuso a comissão de má fé? Não, mas de precipitação. Talvez algumas pessoas imaginem que podemos dizer adeus a alguns textos paulinos, tão somente os que falam sobre homens e mulheres, e nada mais. Mas isso é bastante ingênuo. Há pelo menos dois grandes naufrágios na praia que deveriam ser balizas para nós. Quando o Gereformeerde Kerken (synodaal) liberou todos os ofícios para as mulheres, com uma argumentação muito semelhante à da sua comissão, eles realmente não

tinham intenção de introduzir críticas maiores ou tornar a Bíblia inoperante. O clamor foi ótimo quando o Prof. Dr. H.M. Kuitert imediatamente declarou que seu sínodo havia agora permitido maior criticismo. Ainda assim, ele estava certo: essa decisão precipitada foi posteriormente lamentada por muitos. O mesmo processo foi repetido com as Igrejas Cristãs Reformadas. Não estou disposto a acreditar que qualquer um dos membros da comissão ou delegados sinódicos queiram isso. Mas eu digo: olhem para esses faróis e pensem novamente! Certamente vocês não querem isso?

No final do dia, não deve ser difícil para a sua assembleia decidir sobre o relatório.

a. Vocês podem declarar que este relatório não mostrou de forma convincente que na organização da nossa vida na igreja não precisamos mais levar em consideração as decisões do nosso apóstolo Paulo sobre a diferença entre Adão e Eva e o significado da queda.

b. Além disso, seu sínodo pode declarar que o relatório corretamente devotou muitas boas palavras ao serviço de homens e mulheres em prol do evangelho, mas que ignorou erroneamente o que as Escrituras dizem sobre o que chamamos de “ofício de governo” (recentemente confirmado pelo sínodo de Ommen, 1993).

c. Se você quiser completar a discussão sobre toda esta questão, como foi a intenção do Sínodo anterior, você pode decidir que não foram encontradas razões convincentes para se desviar da prática de muitos séculos e da maioria das igrejas, com base em 1 Timóteo 2, para atribuir os cargos de ensino e supervisão à responsabilidade do homem.

Muito mais difícil do que tomar uma decisão, é voltar a instruir as congregações

sobre a importância da história da criação e da salvação em geral, e sobre esses dados das Escrituras em particular. Nós nos tornamos insensíveis a essas realidades, e mais sensíveis ao mundo ao nosso redor. No entanto, é muito importante recuperar essa sensibilidade. Somente através da educação e do exemplo, reaparecerá o amor pela história de Adão e Eva e o respeito pelo que o Senhor lhe atribui. Não tenho certeza se os sínodos podem decidir sobre isso. Em qualquer caso, eles não podem executá-lo ou realizá-lo. A responsabilidade recai sobre aqueles que, como pastores, devem conduzir o rebanho a ser cidadãos de um reino lá do alto, e com todos os cristãos que perseverariam em seu desejo de um reino celestial, que não é deste mundo.

A tomada de decisão sobre o relatório ocorre em uma realidade eclesial que está à deriva. Por isso, peço a todos vocês que possuam sabedoria e coragem. Vocês não poderão tomar uma decisão para mudar a realidade. Mas vocês podem tomar uma decisão que seja responsável. E o Senhor pode tornar essa decisão em seu tempo e maneira em uma bênção para a igreja e o evangelho, para homens e mulheres.

Com respeito e saudações fraternas,

J. van Bruggen
Apeldoorn,

02 de Maio de 2014.

Tradução: André Lima

Revisão: Iraldo Luna

MISSIONÁRIAS: O QUE A MISSIONOLOGIA REFORMADA TEM A DIZER?

Wes Bredenhof

Em muitos países, as igrejas enviam homens e mulheres como missionários. Na maioria dessas situações, no entanto, essas mesmas igrejas também têm pastoras. Entretanto, nas igrejas de confessionalidade reformadas e presbiterianas, somente os homens atuam como pastores e, na maioria das vezes, apenas homens são enviados como missionários. No entanto, existem algumas igrejas reformadas e presbiterianas em que as mulheres estão atuando sob o título de “missionárias”. Como devemos avaliar essa prática? As igrejas reformadas podem enviar mulheres como “missionárias”?

Definições

Para responder a essa pergunta com responsabilidade, precisamos definir nossos termos. Primeiro, precisamos encontrar uma definição de missão que expresse o que a Bíblia ensina. Se trabalharmos com passagens como Mateus 28:18-20, Marcos 16:9-20, Lucas 24:46-49, Atos 1:8 e Romanos 10:14-15, chegamos a uma definição de missão parecida com:

Missão é o envio oficial da igreja para ir e fazer discípulos pregando e testemunhando as boas novas de Jesus Cristo em todas as nações através do poder do Espírito Santo.

Os leitores interessados em ler mais sobre o desenvolvimento dessa definição podem se consultar no capítulo 2 do meu livro, *For the Cause of the Son of God* (disponível apenas em inglês).

Eu quero fazer duas observações sobre essa definição. Primeiramente, a missão tem a ver com a igreja. É o envio oficial da igreja. Nosso Senhor Jesus enviou seus apóstolos, e entendemos que esses apóstolos permaneceram como representantes de toda a igreja do Novo Testamento, presente e futuro. Através dos apóstolos, a igreja foi enviada por Jesus Cristo.

Outra coisa a notar é que a missão é uma *tarefa oficial*. O que quero dizer é que está intimamente ligado à ideia de *ofício*. Ela se conecta à ideia de que existem determinadas

peças ordenadas para realizar certas funções na e através da igreja. Com relação à missão, a maioria das igrejas reformadas tem entendido que devem ser enviados como ministros missionários, pessoas que detêm uma posição de autoridade e responsabilidade no governo da igreja. Através de sua pregação e testemunho, eles são embaixadores oficiais e anunciadores de Jesus Cristo. Eles autoritativamente o representam para o mundo. Quando os incrédulos os aceitam, eles estão aceitando a Cristo (Mateus 10:40). Quando os incrédulos os rejeitam, eles estão rejeitando a Cristo. Os incrédulos podem rejeitar a mensagem, mas eles não têm permissão para tal - há consequências eternas por fazer isso! Visto que vem do *Senhor* Jesus, há uma obrigação de obedecer ao chamado do evangelho emitido por seu oficial.

A tarefa de um missionário

O principal trabalho de um missionário é, então, pregar e dar testemunho. Preguar significa autoritariamente proclamar a Palavra de Deus. Exatamente como um pastor, um missionário foi treinado para fazer isso, embora frequentemente em contextos transculturais. Um missionário expõe as Escrituras e diz com autoridade: “Assim diz o Senhor!” Um missionário também é uma testemunha. Testemunhar significa usar oportunidades informais para engajar os incrédulos e compartilhar o evangelho com eles. Testemunhar frequentemente envolve diálogo e conversação.

Então, o que acontece quando as pessoas crêem através da pregação e do testemunho? Então,

é o trabalho de um missionário discipular essa pessoa em preparação para a membresia da igreja. Um missionário tem que ensinar às pessoas o que significa ser um seguidor de Jesus Cristo e um membro de sua igreja. Quando essa pessoa está pronta para assumir a responsabilidade de ser membro da igreja de Jesus Cristo, o missionário é responsável por administrar o sacramento do batismo em um culto público.

Com o tempo, se Deus abençoar os esforços do missionário, uma nova igreja local começará a se desenvolver. O missionário será o primeiro líder desta nova igreja local. O missionário terá que treinar os primeiros presbíteros e diáconos. Até que esta nova igreja possa chamar seu próprio pastor, o missionário deve ser o único a administrar o sacramento da Ceia do Senhor na adoração pública.

Se olharmos bíblicamente para o trabalho missionário, nossa conclusão deve ser que somente os homens podem servir como missionários oficiais da igreja. Os homens são chamados para pregar, não as mulheres (1 Timóteo 2:11-12). Como os sacramentos são uma pregação visível do evangelho, somente os homens são chamados para administrar o batismo e a Ceia do Senhor. De acordo com as Escrituras, apenas homens são chamados a ser líderes na igreja de Cristo (1 Coríntios 14:33-35). Seria, portanto, contrário ao ensinamento bíblico ter uma mulher missionária guiando e treinando presbíteros e diáconos. Não, se seguirmos os ensinamentos da Bíblia, devemos concluir que a igreja deve enviar homens fiéis e somente homens para pregar e testemunhar as boas novas de Jesus Cristo.

O papel das mulheres no campo missionário

Mas isso significa que as mulheres não têm lugar algum no campo missionário? De modo nenhum! Primeiro, nunca devemos minar o importante trabalho que muitas mulheres fazem como esposas de missionários. Quando eu era missionário, minha esposa trabalhava ao meu lado, não apenas criando nossos filhos, mas também servindo à causa do evangelho na aldeia onde morávamos. Ela foi capaz de fazer certas coisas que eu não poderia fazer, ou pelo menos eu não poderia fazer de forma eficaz. Por exemplo, ela liderou um grupo de estudos bíblicos para as mulheres de nossa aldeia. Ela fez amizade com essas mulheres e foi capaz de ter um forte relacionamento com elas. Nesses relacionamentos, ela teria oportunidades de compartilhar o evangelho em um nível pessoal. Por causa do histórico delas de ter sofrido abuso sexual, eu não seria capaz de alcançar essas mulheres como minha esposa fez.

No entanto, não é apenas como esposas que as mulheres podem contribuir para a missão cristã. Há oportunidades para as mulheres servirem em papéis valiosos de apoio como educação, medicina ou desenvolvimento econômico. Esses tipos de áreas não são

propriamente ou biblicamente para serem considerados como obra missionária. São áreas que auxiliam a missão. Eles apóiam a propagação do evangelho que está sendo feita pelos missionários oficiais. Por essa razão, nas igrejas reformadas, aqueles enviados para fazer este trabalho, homem ou mulher, têm sido tipicamente chamados “trabalhadores de ajuda humanitária”, não “missionários”. Essa é uma boa prática a ser mantida.

Conclusão

Em muitas outras igrejas, a definição de missão foi ampliada para incluir muitas coisas fora da proclamação do evangelho. Isso está em parte na raiz da tendência de chamar tanto homens quanto mulheres de “missionários”. No entanto, nas igrejas reformadas, acreditamos que a Bíblia deve ser nosso único padrão para doutrina e vida. Se levarmos a Bíblia a sério sobre qual é a missão da igreja, devemos concluir que, biblicamente falando, somente os homens podem realmente ser enviados como missionários.

Tradução: André Lima

Revisão: Thais Vieira

MULHERES E OFFÍCIO ECLESIAÍSTICO

Jim Witteveen

Nos primeiros 1.950 anos da Igreja Cristã (mais ou menos, com poucas exceções), os ofícios eclesiásticos foram reservados, sem questão, para os homens. E como nós já vimos sobre outros assuntos, a igreja na nova aliança simplesmente continuava no caminho iniciado na época da antiga aliança. A limitação dos ofícios na igreja não foi nada novo no Novo Testamento.

Mas no fim do século 20, até em igrejas que tinham sido “reformadas e conservadoras”, aconteceu uma mudança no pensamento, que argumenta que os ofícios devem ser abertos aos dois sexos - que é discriminação excluir as mulheres do diaconato, do ofício de presbítero, e até do ofício de pastor. Geralmente, a mudança não ocorre rapidamente, mas numa série de etapas - até, enfim, as mulheres terem acesso a todos os ofícios.

Por que esta mudança aconteceu? Não é porque a Bíblia e a mensagem da Bíblia mudou. Não é porque novas descobertas foram feitas que de repente revelaram o problema com a

limitação dos ofícios aos homens. Nós temos a mesma Bíblia, com a mesma mensagem:

1 Timóteo 2.11-15:

“A mulher aprenda em silêncio, com toda a submissão. Eu não permito que a mulher ensine, nem exerça autoridade de homem; esteja, porém, em silêncio. Porque, primeiro, foi formado Adão, depois, Eva. E Adão não foi iludido, mas a mulher, sendo enganada, caiu em transgressão. Todavia, será preservada através da sua missão de mãe, se ela permanecer em fé, e amor, e santificação, com bom senso.”

1 Coríntios 14.32-35:

“Os espíritos dos profetas estão sujeitos aos próprios profetas; porque Deus não é de confusão, e sim de paz. Como em todas as igrejas dos santos, conservem-se as mulheres caladas nas igrejas, porque não lhes é permitido falar; mas estejam submissas como também a lei o determina. Se, porém, querem

aprender alguma coisa, interroguem, em casa, a seu próprio marido; porque para a mulher é vergonhoso falar na igreja.”

Parece simples e direto — não um ensinamento muito complexo:

- * A mulher aprenda em silêncio.
- * Eu não permito que a mulher ensine.
- * Conservem-se as mulheres caladas nas igrejas, porque não lhes é permitido falar (*como em todas as igrejas dos santos*).

Não parece existir nenhuma dúvida aqui: a exortação de Paulo é muito clara. E, pode argumentar (como muitos argumentam) que Paulo era produto da sua própria época, que Paulo era misógino, que Paulo tinha ideias baseadas na sua própria cultura, e por isso não precisamos mais obedecer estas injunções.

Mas se levarmos a sério a santidade e a perfeição da Palavra de Deus; se cremos que as cartas de Paulo não são apenas cartas escritas por um ser humano com suas próprias ideias, mas que elas são inspiradas pelo Espírito Santo e perfeitas em cada respeito; se acreditarmos que as exigências da Escritura têm significado que não depende na cultura atual na sociedade do leitor; se acreditarmos que a loucura de Deus é mais sábia do que a sabedoria do homem:

Nós precisamos obedecer, para permanecer fiéis ao nosso Deus, até quando a nossa obediência nos coloca muito longe da, assim chamada, sabedoria do mundo. Os acadêmicos que argumentam em favor da ordenação de mulheres aos ofícios da igreja precisam torcer a Escritura em tal maneira que eles

a quebram. Para atrair o mundo, a cultura do mundo, para parecer sábio, tolerante, carinhoso e iluminado aos olhos do mundo, estes intérpretes precisam negar, na verdade, a autoridade da Escritura, a unidade da Bíblia.

É muito perigoso - não somente porque nesta instância em particular, pessoas estão quebrando a lei de Deus, mas porque a falta nesta área destrói o fundamento do edifício. Se não precisamos levar a sério o mandamento de Deus, a casa cai. Por causa disso, quando igrejas tentam modificar a prática nesta área para permitir que as mulheres realizem os ofícios, divisões acontecem. Em vez de unidade, baseada no fundamento da Palavra de Deus, o resultado é o pioramento de desunidade, e uma queda inevitável da igreja que já abandonou a Palavra para atrair um mundo, que na verdade não quer ser atraído.

Em 1 Timóteo 2, Paulo usa a história da criação para apoiar o seu argumento. Adão foi criado primeiro, e depois Eva. E ele acrescenta que não foi Adão iludido, mas Eva que, sendo enganada, caiu em transgressão. Paulo não argumentou na base do seu próprio sentimento, ou sua própria opinião. Ele não mostra qualquer dependência na sua própria cultura e as práticas da sociedade romana para apoiar o argumento. Ele refere à criação, o relato de Gênesis 1-3. Com certeza, Paulo pretende construir um argumento que seria válido ao longo dos séculos. Você pode acreditar (como alguns) que o argumento não é válido e rejeitar este ensinamento completamente. Mas o que você precisa reconhecer é que se você não acredita que este argumento é válido hoje, você está abrindo a porta à negação de toda a Escritura.

E agora vemos as ligações entre as áreas da Escritura que são rejeitadas pelos “sábios” de nossa época. Eles negam a história da Queda no pecado - é um mito antigo escrito por pessoas tentando entender este mundo e as origens do mundo, com cosmovisão pré-científica, não a revelação direta de Deus. Eles fazem todo o possível para dizer que a história é falsa enquanto eles dizem que a “mensagem” ou a “moral” da história permanece significativo hoje em dia.

Mas podemos ver os resultados nas igrejas liberais em toda parte do mundo - no seu esforço a apelar aos desejos de homens pecaminosos, elas perdem a verdade, e perdem toda relevância. Elas não têm nada a dizer ao mundo que precisa do fundamento sólido da Palavra de Deus. Como já enfatizamos, quando destruimos o fundamento, a casa não pode ficar firme.

Então, para além dessas passagens, por que é que as mulheres não podem servir como oficiais na igreja?

Em primeiro lugar, temos o exemplo do Antigo Testamento. Os sacerdotes e os levitas que serviram no tabernáculo e no templo eram homens. Há uma exceção notável no Antigo Testamento que alguns gostam de usar, o exemplo de Débora, a juíza. Mas este exemplo é a exceção que prova a regra. Débora se tornou líder em Israel por causa da fraqueza e das falhas dos homens. Podemos ver a realidade disso na maneira em que a história de Débora é contada em Juízes 4.6-9, onde vemos a vergonha de Baraque, por causa da vitória sendo colocada nas mãos de mulheres (Débora e Joel, a mulher de Héber):

“Mandou ela chamar a Baraque, filho de Abinoão, de Quedes de Naftali, e disse-lhe: Porventura, o SENHOR, Deus de Israel, não deu ordem, dizendo: Vai, e leva gente ao monte Tabor, e toma contigo dez mil homens dos filhos de Naftali e dos filhos de Zebulom? E farei ir a ti para o ribeiro Quisom a Sísera, comandante do exército de Jabim, com os seus carros e as suas tropas; e o darei nas tuas mãos. Então, lhe disse Baraque: Se fores comigo, irei; porém, se não fores comigo, não irei. Ela respondeu: Certamente, irei contigo, porém não será tua a honra da investida que empreendes; pois às mãos de uma mulher o SENHOR entregará a Sísera. E saiu Débora e se foi com Baraque para Quedes.”

Também temos o exemplo dos discípulos de Jesus. O Senhor tinha doze discípulos - todos homens. Havia mulheres que seguiram Jesus também, mas elas nunca são incluídas nas listas dos próprios discípulos, que representaram as doze tribos de Israel.

Finalmente, recebemos as instruções acerca dos ofícios nas cartas a Timóteo e Tito. Existe discussão sobre a posição das mulheres no diaconato, e o significado de 1 Timóteo 3.11:

“Da mesma sorte, quanto a mulheres, é necessário que sejam elas respeitáveis, não maldizentes, temperantes, e fiéis em tudo.”

Então, alguns acadêmicos dizem que isso significa que mulheres podem servir na igreja como diaconisas. Mas enquanto a tradução portuguesa é correta, a versão ESV em Inglês, em vez de “quanto a mulheres,” lê, “suas esposas,” que parece ser uma interpretação correta das palavras de Paulo

aqui - especialmente quando pensamos no próximo versículo (v.12):

“O diácono seja marido de uma só mulher e governe bem seus filhos e a própria casa.”

Finalmente, algumas pessoas usam as palavras do Apóstolo Paulo em Gálatas 3.28 para apoiar a ordenação de mulheres:

“Dessarte, não pode haver judeu nem grego; nem escravo nem liberto; nem homem nem mulher; porque todos vós sois um em Cristo Jesus.”

E nós ouvimos declarações assim: “Ah! Em Cristo não há nem homem nem mulher! Eis que mulheres podem realizar a tarefa de presbítero, diácono e pastor!”

Mas aqui precisamos lembrar uma distinção muito importante: a distinção entre **ontologia** e **economia**. Na trindade, podemos pensar na trindade ontológica - em que pensamos nos vários papéis do Deus Pai, Deus Filho, e Deus Espírito Santo, com o Filho servindo e obedecendo ao Pai, e o Espírito sendo enviado pelo Pai e pelo Filho. Parece neste relacionamento entre as Pessoas da Trindade que existe um tipo de subordinação. Mas estamos falando aqui sobre a **economia** da Trindade, não sobre a **ontologia** da Trindade - o Pai é igual ao Filho, que é igual ao Espírito, eternamente, sem diferença, sem distinção. Ontologicamente, eles são iguais, absolutamente, sem dúvida. Podemos dizer a mesma coisa sobre mulheres e homens. Isso nos leva à questão de ofício em geral. Os ofícios de homens e mulheres são diferentes. Temos autoridade em esferas diferentes desta vida. Somos criados para

complementar uns aos outros - para exercer domínio na esfera que Deus nos dá.

Mas este fato não significa que o homem é ontologicamente, inerentemente, por natureza, superior à mulher. Não, nos olhos de Deus, nós somos absolutamente iguais, não importa nossa etnicidade, nossa raça, ou nosso sexo. Isso é a mensagem de Paulo em Gálatas 3.28, e não que não existe diferença em funções.

Então, para concluir: o ensino da Palavra de Deus é claro. Os ofícios eclesiásticos são abertos só aos homens da igreja. Deus deu esta responsabilidade para liderar e ensinar na igreja aos homens. Mas isso não significa que as mulheres não têm uma responsabilidade grande dentro da comunidade da aliança. Precisamos ressaltar que as mulheres têm uma função muito importante na igreja, mesmo como os homens - não nos ofícios, como representantes de Jesus Cristo nesta capacidade - mas com responsabilidades diferentes e papéis diferentes.

Elas não são inferiores aos homens por causa da sua exclusão dos ofícios na igreja. Homens e mulheres são, simplesmente, diferentes. O mundo pagão quer apagar essas diferenças, porque eles querem destruir todas as distinções criadas por Deus, e negar a realidade da ordem criada. Podemos ver esse movimento em ação na popularização da “ideologia de gênero”, no movimento em favor do “casamento gay”, no movimento feminista, nas tentativas de desprezar e até destruir a família tradicional (ou, melhor, a família bíblica), composta de um pai, uma mãe, e seus filhos.

O paganismo moderno está se esforçando para destruir estes fundamentos da sociedade. Cabe a nós, como a igreja de Cristo, nos esforçar para manter essas distinções e instituições, criadas por Deus para nosso próprio benefício. Por isso, temos que manter esta distinção entre homem e mulher - na vida familiar, e na vida eclesiástica.

No quadro geral, este assunto é de alta importância, em termos de nossa visão de Escritura, a verdade da Palavra de Deus, e a realidade da mensagem do Evangelho. Haverá

oposição e calúnias sobre a posição da igreja quanto ao papel dos homens e das mulheres, na igreja, na família, e na sociedade em geral? Com certeza! Mas oposição não é nada novo. A igreja é contra-cultural, e sempre vai experimentar lutas com a cultura mundana. Nossa responsabilidade é, em primeiro lugar, a Deus e a Sua Palavra. E devemos não pensar que somos mais sábios do que Ele - sobre essa questão, ou sobre qualquer outra.

Revisão: Thaís Vieira

DÉBORA E BARAQUE: EXEMPLO PARA AS MULHERES OU CONSTRANGIMENTO PARA OS HOMENS?

Clarence Bouwman

Débora e Baraque: exemplo para as mulheres ou constrangimento para os homens?¹

1. INTRODUÇÃO

1.1. Débora é um exemplo?

Será que Débora nos fornece um exemplo sobre o lugar e a função das mulheres no casamento, na igreja e na sociedade? Existem aqueles que pensam dessa forma. Donna Strom, docente no Seminário Teológico Presbiteriano em Dehra Dun, norte da Índia, lamenta que as mulheres, em sua maioria, tenham se envolvido apenas no aumento da população humana e feito tão pouco (“exceto por uma rara Margaret Thatcher ou Indira Gandhi”) para juntar-se aos homens no governo do mundo.² Assim, ela escreve sobre Débora: “O que o exemplo de Débora obviamente ensina é que as mulheres não devem ser excluídas de qualquer nível de tomada de decisão, seja sobre religião ou política”.³ Por ver os homens inibindo as mulheres de assumir posições de liderança, a professora Strom escreve: “Muitos perguntam ‘Onde estão as Déboras?’ Contudo, há uma questão mais relevante,

hoje, que é: onde estão os Baraques, Lapidotes e os 10 mil homens que consentirão que Deus use suas Déboras?”.⁴

É realmente verdade que Deus nos fornece em Débora um modelo de como Ele gostaria que as mulheres agissem? Deveriam os irmãos da igreja de Deus considerar o pensamento onde é “aceitável que Deus dê-nos suas Déboras”?

A resposta do nosso mundo contemporâneo é distintamente “sim”, “deveríamos”. O Senhor concorda? Deveriam vocês, como esposas e mães, encorajar seus maridos e filhos a se disporem e admitirem que Deus use as mulheres em posições de liderança? Em nossa era feminista, que imagem devemos nos esforçar para colocar nas mentes de nossos filhos sobre o lugar da mulher? Por implicação: em nossa época de homens fracos, devemos procurar encorajar todos os nossos filhos a serem líderes?

1.2. O que queremos provar?

Devemos ouvir atentamente o que o Senhor diz em sua Palavra. Em nossos dias, nossas vidas — tanto os homens quanto as mulheres

— devem viver de acordo com a Palavra de Deus, de modo que, por sua vez, vivamos como luzes neste mundo. Nesta manhã, na minha tentativa de apresentar a vocês o que o Senhor diz sobre o papel que Ele designou para a mulher, escolho tomar como ponto de partida o que o Senhor nos diz, no livro de Juízes 4 e 5, sobre Débora e Baraque. Entretanto, se quisermos ouvir o que o Senhor diz nesses capítulos, precisaremos ler essa passagem sem ideias pré-concebidas sobre o papel da mulher. Digo isso, já que não é difícil provar, a partir desses dois capítulos, praticamente qualquer coisa que você queira comprovar sobre o papel da mulher.⁵ Por exemplo:

- Se você quiser provar, baseado em Juízes 4 e 5, que as mulheres devem ser profetisas na igreja, hoje, você pode elaborar um forte argumento recorrendo ao livro de Juízes 4.4, onde lemos que Débora era uma profetisa;
- Se você quiser alegar que o lugar da mulher é junto do seu marido, submisso a ele, você pode desenvolver uma grande defesa com referência à Débora, pois em Juízes 4.4 ela é identificada pelo nome do marido: “Débora... a esposa de Lapidote”;
- Se você quiser provar que alguém pode ser feliz no casamento, exercendo o seu próprio lugar na família e, ao mesmo tempo, ter um lugar de liderança na sociedade, baseie-se em Juízes 4 e você conseguirá. Afinal, essa mulher, Débora, esposa de Lapidote, foi ao mesmo tempo esposa e juíza.

Meu ponto é: as feministas podem apelar a Juízes 4 para encontrar uma justificativa bíblica para sua posição. Assim como o

“tradicionalista”. Contudo, dessa forma, não estamos ouvindo a Escritura, mas a nós mesmos! Logo, precisamos deixar de lado nossos próprios pensamentos, para ouvirmos o que as Escrituras dizem sobre isso. Devemos ler a passagem pelo o que ela é, sem quaisquer ideias pré-concebidas e, tanto quanto possível, sem a bagagem que herdamos dos nossos pais ou recebemos de nossa sociedade contemporânea.

1.1. Descritivo ou prescritivo?

O item mais introdutório que precisa ser mencionado é a distinção entre o que é **descritivo** e o que é **prescritivo**. Juízes 4 é descritivo; descreve o que Débora fez. Essa descrição do que Débora fez em seus dias se resume em uma prescrição para nós? Isto é: Juízes 4, que descreve a conduta de Débora, há muito tempo, prescreve como devemos agir hoje?⁶ Em vários momentos na Bíblia, uma determinada ação é descrita e, no entanto, estamos convencidos de que não devemos seguir tal exemplo. Pode-se pensar na conduta de Judá com a prostituta, que ele encontrou junto à estrada.⁷ Concordamos que a Bíblia *descreve* para nós o que Judá fez, porém isso não quer dizer que devamos fazer o mesmo. Afinal de contas, no sétimo mandamento, o Senhor havia dito para não cometermos adultério. A ação de Judá é, claramente, *descritiva* de seu pecado, mas não *prescritiva* para nossa conduta. Então, e agora: Juízes 4 e 5 são descritivos? Certamente, eles são. Eles também são prescritivos? Ou seja: esses capítulos definem a norma como as nossas mulheres (e homens) devem se comportar? A aparência de Débora como líder na terra (profetisa e juíza) indica que nossas filhas podem ou devem desejar essas posições

de liderança? A única maneira de responder a essa pergunta é voltar à revelação de Deus para descobrir o que Deus nos ordenou.

1.3. Resumo

Antes de voltarmos à revelação de Deus para aprender sobre sua norma para nós, gastaremos, primeiro, um tempo lendo o que o Senhor nos fala sobre Débora no livro de Juízes, capítulo 4 e 5. Isso forma a seção 2 deste artigo. Na seção 3, examinaremos o material que Deus revelou a Israel sobre o assunto na época de Débora. A seção 4 apresenta, diante de nós, o que Deus revelou ao seu povo após o tempo de Débora. Estamos interessados, especificamente, em discernir se houve uma mudança na revelação de Deus após o tempo dos Juízes, capítulo 4. E a seção final irá expor as conclusões para nós, hoje.

1. QUEM FOI DÉBORA?

1. Identidade de Débora como uma pessoa

No que diz respeito à pessoa de Débora, Juízes 4.4-5 nos diz que *“Débora, uma profetisa, a esposa Lapidote, julgava a Israel naquele tempo. E ela se sentava sob a palmeira de Débora, entre Ramá e Betel nas montanhas de Efraim. E os filhos de Israel iam a ela para juízo”*.

- UMA MULHER

Muito embora não seja evidente em nossa tradução, o texto hebraico faz questão de afirmar que Débora era uma mulher. No texto original, o versículo 4 diz: *“Débora, uma mulher, uma profetisa”*. O Senhor faz referência explícita ao gênero dela. A referência a ela ser uma mulher também transmite significado, de

acordo com as regras gramaticais hebraicas, que ela era *“uma mulher específica”*.⁸ O autor de Juízes 4, então, não vê Débora como estando de pé e com ombros acima das outras mulheres de sua época, como se ela fosse obviamente uma líder. Ela é descrita como uma mulher normal, uma mulher regular de Israel.

- UMA PROFETISA

Ela é descrita como uma profetisa. Na Bíblia, lemos mais mulheres que foram profetisas:

- Miriã: Em Êxodo 15.20-21, lemos sobre Miriã profetizando diante do Senhor e à frente de Israel, depois que o povo cruzou o mar vermelho. *“Então Miriã, a profetisa, a irmã de Arão, tomou o tamborim na mão; e todas as mulheres saíram atrás dela com tamborins e com danças. E Miriã lhes respondeu: ‘Cantai ao Senhor, porque gloriosamente triunfou e precipitou no mar o cavalo e o seu cavaleiro!’”*.
- Hulda: Em 2 Reis 22.14, lemos: *“Então o sacerdote Hilquias, Aicão, Acbor, Safã e Asaías foram ter com a profetisa Hulda, mulher de Salum ... E falaram com ela”*.
- A esposa de Isaías: Em Isaías 8.3, é descrita como uma profetisa: *“Então eu (isto é, Isaías) fui até a profetisa, e ela concebeu e deu à luz um filho”*.
- Ana: Dela, lemos em Lucas 2.36: *“Havia uma profetisa, Ana, filha de Fanuel da tribo de Aser”*.

Portanto, temos cinco mulheres conhecidas como profetisas.

Precisamos observar que o Antigo Testamento não nos fala de uma função oficial de profeta divinamente designado para o serviço de adoração. Um profeta é simplesmente alguém a quem Deus se agradou de usar a fim de tornar conhecida a Sua vontade para o povo, em uma determinada situação. Débora era uma profetisa, no entanto, de forma alguma, vemos que ela foi ordenada para um ofício. Isso difere de Eliseu e Jeremias, por exemplo. O Senhor chamou esses dois homens ao ofício de profetas. (Veja I Reis 19.19; Jeremias 1.4).

O que também precisamos ter em mente é que, apesar de Débora ser uma profetisa, não vemos que Débora foi ao povo com uma Palavra de Deus; Isaías, Jeremias, Ezequiel e todos os outros profetas foram. Disseram eles: “Assim diz o Senhor...” e, então, falaram a profecia deles. Não vemos nada a respeito de Débora. Ela não foi ao povo com uma Palavra de Deus, contudo o povo foi até ela. “E os filhos de Israel subiram até ela para julgamento” (Juízes 4.5b). Ela sentou-se debaixo da palmeira. Exatamente a mesma coisa acontece com Hulda; ela não foi a alguém com uma profecia, mas, ao invés disso, vemos que: “Hilquias, o sacerdote, Aicão, Acbor, Safã e Asaias foi a Hulda, a profetisa” (2Reis 22.14).

- A ESPOSA DE LAPIDOTE

Lemos, em Juízes 4, que Débora era a esposa de Lapidote. É interessante observar que ela é conhecida pelo nome do marido! Ela não é conhecida independentemente do seu esposo, embora ela tivesse um lugar especial em Israel. Isso suscita uma questão: Por quê? Por que aqui ela é mencionada pelo

nome do marido, esposa de Lapidote? Essa é uma questão que precisa ser respondida posteriormente.⁹

- UMA JUÍZA

Débora é chamada aqui de juíza. É esse o termo que dá à Débora seu perfil no livro de Juízes. Débora é uma, de uma série de doze juízes. Dos doze juízes, seis são juízes principais (incluindo Débora), e seis são juízes secundários, dos quais não temos muitos detalhes. Para os propósitos deste artigo, devemos dar ênfase nos seis principais juízes e fazer algumas comparações entre eles.

Débora era uma escolha improvável para uma juíza. Acontece que os seis principais juízes (Otniel, Eúde, Débora, Gideão, Jefté e Sansão) são todos improváveis e inusitadas escolhas para um juiz.¹⁰

- Otniel: “...o filho de que Quenaz, irmãos mais moço de Calebe” (Juízes 3.9). A história bíblica nos ensina que o irmão mais novo tinha a posição menos privilegiada e tinha menos chance de produzir uma marca na sociedade.
- Eúde: “...filho de Gera, o benjamita, homem canhoto” (Juízes 3.15). Eúde, aceitou as coisas, tinha uma desvantagem pois era canhoto (o que, no percurso, Deus transformou em vantagem).
- Débora: De Juízes 4.4 aprendemos que ela é uma mulher. Isso faz dela uma escolha improvável para juíza.
- Gideão: Quando o Senhor disse a Gideão que ele tinha que ir e salvar o povo, Gideão respondeu: “E ele lhe disse: Ai, Senhor meu! Com que livrarei Israel?”

Eis que a minha família é a mais pobre em Manassés, e eu, o menor na casa de meu pai.” (Juízes 6.15). Gideão, uma escolha improvável para um juiz.

- Jefté: Apesar de descrito em juízes 11.1 como “*homem valente*”, ele também era “*filho de uma prostituta*”. Isso fez dele um candidato improvável. Até mesmo seus irmãos o rejeitaram (Juízes 11.2).
- Sansão: De Juízes 13.7, aprendemos que ele era nazireu, o que significava que ele tinha que ser diferente dos outros homens jovens do seu tempo (Naum 6.1-21). Sansão era um “*estranho*” para a sociedade: ele não podia cortar o cabelo, não podia tocar em nada morto e tinha que se abster de todo álcool.

De modo geral, surge a imagem de que os principais juízes eram opções bastante improváveis para serem juízes, e isso também era verdade para Débora. Deus escolhe o que é fraco, o que é comum, o que é desprezado aos olhos do mundo para envergonhar os poderosos e os orgulhosos (veja 1 Coríntios 1.26 e os versos seguintes).

- Débora não foi levantada pelo Senhor para ser uma juíza.

Um segundo ponto a respeito de Débora ser uma juíza é que não lemos nas Escrituras que ela foi levantada pelo Senhor para ser uma juíza.¹¹ Esse foi o caso, entretanto, para os outros (principais) juízes.

- Otniel: “*Clamaram ao Senhor os filhos de Israel, e o Senhor lhes suscitou libertador, que os libertou: Otniel...*” (Juízes 3.9);

- Eúde: “*Então, os filhos de Israel clamaram ao Senhor, e o Senhor lhes suscitou libertador: Eúde...*” (Juízes 3.15);
- Gideão: “*Então, se virou o Senhor para ele e disse: Vai nessa tua força e livra Israel da mão dos midianitas; porventura, não te enviei eu?*” (Juízes 6.14);
- Jefté: “*Então, o Espírito do Senhor veio sobre Jefté...*” (Juízes 11.29);
- Sansão: “*E o Espírito do Senhor passou a incitá-lo...*” (Juízes 14.6).

No entanto, não lemos nenhuma indicação para Débora; ela era diferente! O que lemos sobre Débora é Juízes 5.7: “*até que eu, Débora, me levantei, levantei-me por mãe em Israel*”. Observe a ênfase diferente entre Débora e os outros cinco juízes principais. Certamente, o Senhor Deus estava por trás da ascensão de Débora como juíza; todas as coisas estão nas mãos de Deus. Mas Débora é a única grande juíza de quem não é dito em tantas palavras que Deus colocou o ofício sobre ela. Alguém duvida o motivo. O que faz a diferença?

- Débora não foi uma juíza com função militar

Um terceiro ponto em relação ao ofício de Débora como juíza é que ela, ao contrário de todos os outros juízes do livro de Juízes, não tinha uma função militar.¹² Dos outros cinco juízes importantes, por exemplo, lemos nas Escrituras seus feitos militares:

- Otniel: “*...saiu à peleja, e o Senhor lhe entregou nas mãos a Cusã-Risataim...*” (Juízes 3.10);
- Eúde: “*Tendo ele chegado, tocou a trombeta nas montanhas de Efraim; e os filhos de Israel desceram com ele das*

montanhas, indo ele à frente...” (Juízes 3.27-30);

- **Gideão:** “Chegou, pois, Gideão e os cem homens que com ele iam às imediações do arraial, ao princípio da vigília média, havendo-se pouco tempo antes trocado as guardas; e tocaram as trombetas e quebraram os cântaros que traziam nas mãos...” (Juízes 7.19);

- **Jefté:** “Assim, Jefté foi de encontro aos filhos de Amom, a combater contra eles; e o Senhor os entregou nas mãos de Jefté” (Juízes 11.32);

- **Sansão:** “...desceu aos asquelonitas, matou deles trinta homens...” (Juízes 14.19); “E feriu-os com grande carnificina; e desceu e habitou na fenda de Etã. Achou uma queixada de jumento, ainda fresca, à mão, e tomou-a, e feriu com elas mil homens.” (Juízes 15.8); “E disse: Morra eu com os filisteus. E inclinou-se com força, e a casa caiu sobre os príncipes e sobre todo o povo que nela estava; e foram mais os que matou na sua morte do que os que matara em sua vida” (Juízes 16.30).

Mas nenhuma declaração semelhante é registrada sobre Débora. Em vez disso, vemos a respeito dela em Juízes 4.6 que: “Mandou ela chamar a Baraque, filho de Abinoão, de Quedes de Naftali, e disse-lhe: Porventura, o Senhor, Deus de Israel, não deu ordem, dizendo: Vai, e leva gente ao monte Tabor, e toma contigo dez mil homens dos filhos de Naftali e dos filhos de Zebulom?”. Débora não era uma líder militar, mas ofereceu a responsabilidade militar para outro, para um homem. Mais uma vez, pergunta-se: por quê?

- ASSENTAVA-SE DEBAIXO DAS PALMEIRAS

Em Juízes 4.5 é dito que: “Ela atendia debaixo da palmeira de Débora, entre Ramá e Betel, na

região montanhosa de Efraim”. Por que nos dizem que Débora estava sentada embaixo da palmeira? Para apreciar isso, é preciso voltar-se para Deuteronômio 16.18. Ali está escrito: “Juízes e oficiais porás em todas as tuas portas que o Senhor, teu Deus, te der entre as tuas tribos, para que julguem o povo com juízo de justiça”. Aqui está uma instrução do Senhor para o povo de Israel, que uma vez que eles entrassem na Terra Prometida, eles deveriam encarregar-se de nomear juízes. Estes juízes deveriam servir “em todas as tuas portas”, sendo esses portões uma referência aos portões da cidade. Os juízes não possuíam uma autoridade nacional ou transtribal, mas, de acordo com Deuteronômio 16, a ordenança de Deus era que os juízes em Israel tivessem autoridade local. Um juiz tinha um lugar em uma determinada cidade (ou tribo), e foi nessa cidade que as pessoas da comunidade tiveram que comparecer ao juiz, caso houvesse uma disputa. Ninguém em Israel deveria estar sem recurso ao julgamento e, portanto, eles deveriam esperar e receber do juiz em sua própria cidade um “**juízo justo**”.

Débora, porém, não estava sentada nos portões de sua cidade, mas no campo em algum lugar, “sob a palmeira de Débora, entre Ramá e Betel, nas montanhas de Efraim”. Ela não se sentou em sua cidade, nem mesmo se sentou em uma cidade. Embora não possa ser dito com certeza, Débora, provavelmente, veio da tribo de Issacar (note em Juízes 5.15). Em todo caso, Débora conhecia o povo de Issacar, e eles a conheciam. No entanto, ela se afastou daqueles que conhecia e encontrou um lugar “sob a palmeira ... nas montanhas de Efraim” (Juízes 4.5). Por isso, ela não estava nem perto de casa. Débora julgou, não em seu próprio

lugar, mas em campo aberto. Ela ofereceu julgamento, não para os moradores de sua cidade, mas para todas as pessoas! Isso é o que lemos em Juízes 4.5b: “*E os filhos de Israel subiram a ela a juízo*”. A posição de Débora não se restringia apenas ao seu próprio povo local, mas sua posição era nacional, transtribal. Novamente, alguém pode perguntar o porquê. Dada a instrução de Deuteronômio 16, por que ela agiu dessa forma?

1. A relação de Débora com Baraque:

Todas as indicações são de que Débora não tentou sobrepor a Baraque. Pelo contrário, ela deliberadamente tentou se colocar à sombra de um homem. Considere o seguinte:

- Embora ela pudesse ter derrotado as tropas atrás dela para atacar o inimigo, ela não o fez. Ao invés disso, “*ela mandou chamar a Baraque, filho de Abinoão, de Quedes de Naftali*” (Juízes 4.6) e pediu-lhe que tomasse a iniciativa de combater o inimigo;
- Ela acompanhou Baraque em sua ação, não porque queria a honra, mas apenas porque Baraque estava com medo. “*E Baraque disse-lhe: ‘Então, lhe disse Baraque: Se fores comigo, irei; porém, se não fores comigo, não irei’*” (Juízes 4.8). Ele estava com medo, então ela foi adiante para amenizar o seu medo;
- Juízes 5 registra uma música. Embora, tendamos a nos referir a ela como “*O cântico de Débora*”, essa não é apenas a canção de Débora. Em Juízes 5.1, lemos que: “*Naquele dia, cantaram Débora e Baraque, filho de Abinoão, dizendo*”.

1. A relação de Débora com Jael:

Quando se trata da derrota do inimigo, não foi Débora quem derrotou o inimigo, mas uma outra mulher, Jael (Juízes 4.17-22). De Jael foi cantado: “*Bendita seja sobre as mulheres Jael, mulher de Héber, o queneu; bendita seja sobre as mulheres que vivem em tendas*” (Juízes 5.24). Diante das tentativas de apresentar Débora como um modelo feminista, é importante observar que ela não perseguiu a glória que resultou ao derrotar o inimigo. O Senhor nos diz que essa honra foi para outra, não para Débora.

Conclusão:

Para resumir, até o momento, erramos com base em Juízes 4 e 5 ao imaginar Débora como uma espécie de feminista. Essa é uma má interpretação das Escrituras. Em Sua Palavra, o Senhor não apresenta Débora como uma “*mulher independente*”, uma feminista que se colocou no papel principal, uma mulher que se esforça para ficar de pé, para exercer seus direitos de liderança. O que lemos aqui é uma mulher que deu a liderança sem se colocar no papel principal. Débora, nitidamente, não chamou a atenção para si mesma. Essa conclusão torna-se mais nítida quando voltamos agora à atenção para o contexto de Débora.

2. O contexto em que Débora viveu:

Constantemente, no livro de Juízes, lemos a frase: “*Então, fizeram os filhos de Israel o que era mau perante o Senhor*” (Juízes 2.11). Isso é mencionado em relação a cada um dos principais juízes:

- **Otniel:** “Os filhos de Israel fizeram o que era mau perante o Senhor e se esqueceram do Senhor, seu Deus; e renderam culto aos baalins e ao poste-ídolo” (Juízes 3.7).
- **Eúde:** “Tornaram, então, os filhos de Israel a fazer o que era mau perante o Senhor; mas o Senhor deu poder a Eglom, rei dos moabitas, contra Israel, porquanto fizeram o que era mau perante o Senhor” (Juízes 3.12).
- **Débora:** “Os filhos de Israel tornaram a fazer o que era mau perante o Senhor, depois de falecer Eúde” (Juízes 4.1).
- **Gideão:** “Fizeram os filhos de Israel o que era mau perante o Senhor; por isso, o Senhor os entregou nas mãos dos midianitas por sete anos” (Juízes 6.1).
- **Jefté:** “Tornaram os filhos de Israel a fazer o que era mau perante o Senhor e serviram aos baalins, e a Astarote, e aos deuses da Síria, e aos de Sidom, de Moabe, dos filhos de Amom e dos filisteus; deixaram o Senhor e não o serviram” (Juízes 10.6).
- **Sansão:** “Tendo os filhos de Israel tornado a fazer o que era mau perante o Senhor, este os entregou nas mãos dos filisteus por quarenta anos” (Juízes 13.1).

É um refrão: “Fizeram os filhos de Israel o que era mau perante o Senhor” (Juízes 2.11). Esse refrão chega ao seu apogeu na reformulação do mesmo pensamento em Juízes 21.25, onde está escrita a frase bem conhecida: “Naqueles dias, não havia rei em Israel; cada um fazia o que achava mais reto”. Isso também caracteriza os dias de Débora: cada um fazia o que achava mais reto.

Foi, então, um tempo de deformação radical, um tempo de decadência. O grau

de degeneração que caracteriza o tempo é possivelmente melhor ilustrado pelo material escrito em Juízes 17-21, onde lemos a idolatria de Mica e o estupro brutal da concubina do levita. Foi uma época em que os padrões de comportamento e santidade em Israel estavam longe dos padrões que Deus estabelecera em sua Palavra. Em outras palavras: era uma época normal.

Específico para o dia de Débora: a deformação e a decadência são apontadas pelo fato de não haver líderes. Débora teve que pedir que Baraque viesse e liderasse (Juízes 4.6). Uma vez que ele tinha sido perseguido, estava com muito medo de fazer qualquer coisa (Juízes 4.8).¹³ Onde estava o fundamento de Baraque? Baraque não tinha nenhum; ele não era um líder. Ele não sabia, ao menos não revelou-se em sua conduta, que ele poderia apoiar-se no Senhor a fim de obter força e sabedoria. Tampouco, era Baraque o único homem covarde em Israel. Lemos em Juízes 5.6-7: “Nos dias de Sangar, filho de Anate, nos dias de Jael, cessaram as caravanas; e os viajantes tomavam desvios tortuosos. Ficaram desertas as aldeias em Israel, repousaram, até que eu, Débora, me levantei, levantei-me por mãe em Israel”. Imagine por um momento que não poderíamos caminhar livremente ou dirigir pelas nossas principais estradas. Imagine se nós, a fim de fazermos o nosso negócio, tivéssemos que fugir à noite e nos mover com cautela de árvore em árvore, para que não caíssemos. Reclamaríamos rapidamente às autoridades da cidade que nossas ruas não estão seguras. Isso é exatamente o que aconteceu nos dias de Juízes 4. As ruas não eram seguras. O que isso diz sobre liderança? Esse contexto de medo torna evidente que

não havia líderes capazes para liderar o povo contra seus opressores. Lembre-se, nesse contexto, nenhum dos principais juízes tinham sido juízes! Esse foi um problema diário: não havia líderes.

Por que não havia líderes? Podemos encontrar uma resposta para essa pergunta? Sim, podemos. Porque o Senhor havia prometido lidar com Israel de acordo com um padrão. Em Deuteronômio 28, o Senhor prometeu suas bênçãos em obediência: *“Se atentamente ouvires a voz do Senhor, teu Deus, tendo cuidado de guardar todos os seus mandamentos que hoje te ordeno, o Senhor, teu Deus, te exaltará sobre todas as nações da terra (verso 1) ...O Senhor te porá por cabeça e não por cauda; e só estarás em cima e não debaixo, se obedeceres aos mandamentos do Senhor, teu Deus, que hoje te ordeno, para os guardar e cumprir”* (verso 13). Tal segurança exige liderança, e isso é o que o Senhor prometeu a seu povo, quando havia obediência. Em contrapartida, quando não houve obediência: *“Será, porém, que, se não deres ouvidos à voz do Senhor, teu Deus, não cuidando em cumprir todos os seus mandamentos e os seus estatutos que, hoje, te ordeno, então, virão todas estas maldições sobre ti e te alcançarão (verso 15) “Apalparás ao meio-dia, como o cego apalpa nas trevas, e não prosperarás nos teus caminhos; porém somente serás oprimido e roubado todos os teus dias; e ninguém haverá que te salve”* (verso 29). Aqui está o medo de Juízes 5.6-7, uma condição sobre a qual o povo nada podia fazer, pois aqueles que deveriam ser seus líderes não tinham o que era fundamental: base bíblica.¹⁴

Por que as ruas não eram seguras nos dias de Débora? Por que ninguém ousou assumir a

liderança? Foi devido à decadência espiritual. O povo de Israel não vivia de acordo com a Palavra de Deus. Em Deuteronômio 16.18, o Senhor tinha ordenado que nomeassem juízes em todas as cidades. Contudo, o povo não foi para os juízes de sua comunidade, porque seus homens não estavam servindo como líderes que Deus desejava que fossem.¹⁵ Então, ao invés disso, eles foram até Débora. Uma decadência espiritual entre o povo de Deus produziu uma imobilidade que conduziu o povo de Deus a uma improvável pessoa como juiz.

Débora, a esposa de Lapidote, emergiu como profetisa em Israel em circunstâncias anormais. Em um tempo de decadência espiritual, agradou o Senhor Deus enviar um juiz na pessoa de sua escolha. O Senhor mostrou misericórdia de acordo com a sua Palavra em Deuteronômio 18.15: *“O Senhor, teu Deus, te suscitará um profeta do meio de ti, de teus irmãos, semelhante a mim; a ele ouvirás”*. A pessoa de sua escolha era antes de mais nada aquele irmão mais novo, depois o homem canhoto, depois uma mulher, depois o filho de uma prostituta, o menor de todas as tribos de Israel, etc. Específico para Juízes 4, Deus chama uma mulher. Certamente, Deus escolheu o que é fraco, o que é comum, o que é desprezado aos olhos do mundo para envergonhar o poderoso e o orgulhoso. (veja I Coríntios 1.26).

Como tudo isso se relaciona com o que Deus havia ordenado no começo? O que poderia Débora e Israel ter tido conhecimento, da revelação de Deus, sobre o que Ele queria que as coisas estivessem no relacionamento entre homem e mulher? A ação urgente de Débora

em colocar um homem no centro das etapas revela um caráter inseguro, em vez de uma humilde obediência às instruções de Deus?

3. A NORMA QUE DEUS REVELOU NO TEMPO DE DÉBORA

3.1 Homem e mulher são iguais diante de Deus

As Escrituras que Débora e Israel possuíam ensinavam que o Senhor se agradou em dar ao homem e à mulher uma posição igual diante dEle (ver Figura 1). Em Gênesis 1. 26-27 nos diz: *“Também disse Deus: Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança; tenha ele domínio sobre os peixes do mar, sobre as aves dos céus, sobre os animais domésticos, sobre toda a terra e sobre todos os répteis que rastejam pela terra. Criou Deus, pois, o homem à sua imagem, à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou”*. O homem e a mulher são ambos criados à imagem de Deus, e o homem e a mulher recebem ambos o mandato de dominar a terra, o mar, o gado, etc. Ambos, o homem e a mulher, recebem também a tarefa de *“frutificar e multiplicar”* (verso 28). Nesse sentido, não há diferença entre o homem e a mulher. Macho e fêmea têm uma posição igual perante Deus e ambos recebem os mesmos tipos de mandatos.

A queda no pecado tocou em ambos igualmente, de modo que ambos sofreram as conseqüências da queda (Gênesis 3.16). Quando o Senhor Deus estabeleceu seu pacto com Israel, no Monte Sinai, Ele deixou claro que tanto o homem como a mulher precisavam oferecer seus sacrifícios. Disse o Senhor a

Moisés: *“Fala aos filhos de Israel, e dize-lhes: Quando qualquer um de vós trazer uma oferta ao SENHOR... se uma pessoa pecar...”* (cf. Levítico 1-4). O que Deus disse aqui aplica-se ao homem e à mulher, igualmente. Levítico 15 também deixa claro que homens e mulheres eram do mesmo modo impuros e, portanto, ambos precisavam de purificação. Tanto o homem como a mulher precisam de redenção; ambos recebem perdão no sangue de Jesus. Essa é a clara instrução do serviço no tabernáculo para todo o Israel: macho e fêmea tem igual função perante Deus.

Podemos concluir: Débora e todo o Israel com ela sabiam, da Palavra de Deus, que tanto homens quanto mulheres eram igualmente dependentes da graça de Deus para o perdão dos pecados e, portanto, para a vida e respiração.

3.2 A relação que Deus estabeleceu entre homem e mulher em sua relação interpessoal

- PARAÍSO

Conforme é dito, Deus deu ao homem e à mulher diferentes posições em relação de uns para com os outros. Apesar de serem iguais na vocação, sem dúvida, certamente semelhantes a Deus, no entanto, Deus organizou uma hierarquia na relação entre o homem e a mulher (ver Figura 2). Em Gênesis 2.7-8, lemos que: *“Então, formou o Senhor Deus ao homem do pó da terra e lhe soprou nas narinas o fôlego de vida, e o homem passou a ser alma vivente. E plantou o Senhor Deus um jardim no Éden, na direção do Oriente, e pôs nele o homem que havia formado”*. O homem

— que é Adão — recebeu um lugar no jardim com o mandato de “cultivar e guardar” (verso 15). Então, no versículo 18, lemos que: “Disse mais o Senhor Deus: Não é bom que o homem esteja só; far-lhe-ei uma auxiliadora que lhe seja idônea”. Da costela do homem, Deus fez uma mulher (versos 21 e 22).

Note que a mulher é caracterizada aqui como uma ajudante. O termo ‘ajudante’ não denota que a mulher é menor do que o homem. Com nossos ouvidos pecaminosos (ocidentais?), tendemos a ouvir na palavra ‘ajudante’ a noção de ‘assistente’, ou seja, alguém a quem é dito o que fazer. As Escrituras não permitem essa carga para o termo ‘ajudante’. Essa mesma palavra é usada repetidamente nas Escrituras em relação a Deus ser um auxiliador do seu povo. Considere os versos seguintes dos Salmos:

- Salmo 33.20: “ Nossa alma espera no Senhor, nosso auxílio e escudo.”;
- Salmo 70.5: “*Eu sou pobre e necessitado; ó Deus, apressa-te em valer-me, pois tu és o meu amparo e o meu libertador. Senhor, não te detenhas!*”;
- Salmo 115.9-11: “*Israel confia no Senhor; ele é o seu amparo e o seu escudo. A casa de Arão confia no Senhor; ele é o seu amparo e o seu escudo. Confiam no Senhor os que temem o Senhor; ele é o seu amparo e o seu escudo*”.

Nas passagens acima, não há conceito de “menos” envolvido no termo. Isso sublinha o fato de que não podemos pensar em homens e mulheres em termos de “melhor” ou “menor”.

Ainda assim, o termo ‘ajudante’ permanece na relação da mulher para com o homem.

É importante notar que a mulher é dada ao homem, que ela deve ser seu auxílio, não lemos sobre isso de outra forma. Não é assim que o homem é dado à mulher para ser seu ajudante. O homem recebe a posição de líder; ele deve ir ao seu jardim para cumprir sua tarefa, de cuidá-lo e mantê-lo, e a mulher é sua auxiliadora na realização dessa tarefa. Diante de Deus, ambos devem cumprir o mandato cultural, mas em seus trabalhos lado a lado um é o ajudante e o outro não é (e assim) um é o líder e o outro não é.

Novamente, é importante notar que em Gênesis 2.22, o Senhor Deus trouxe a mulher para o homem e não o homem para a mulher. Existe uma ordem dada por Deus, uma hierarquia em sua relação conjunta; um é o líder e o outro é o ajudante. Em Gênesis 2.23, lemos que Adão a recebeu; ela não recebeu Adão. Adão tomou a iniciativa; um é o líder e o outro é o ajudante. Dar nomes é (como aprendemos em Gênesis 2.19) uma função de liderança. Adão deu um nome a Eva; Eva não deu um nome a Adão. Enquanto o homem e a mulher são iguais perante Deus, o Senhor Deus, em Gênesis 2, coloca em prática uma estrutura de submissão e autoridade na relação entre o homem e a mulher.

- QUEDA

A Queda no pecado, em Gênesis 3, arruinou a criação de Deus. No entanto, essa estrutura de submissão e autoridade, como implícito em Gênesis 2, é mantida. Foi Eva quem foi tentada e conseqüentemente caiu. No entanto, Deus chamou Adão para a tarefa primeiro. Veja em Gênesis 3.9, o Senhor Deus sabia que Adão e Eva haviam caído em pecado, mas “*E chamou*

o Senhor Deus ao homem e lhe perguntou: Onde estás?”. Adão foi responsável em primeiro lugar por tudo. Veja em Gênesis 3.10-11: “Ele respondeu: Ouvi a tua voz no jardim, e, porque estava nu, tive medo, e me escondi. Perguntou-lhe Deus: Quem te fez saber que estavas nu? Comeste da árvore de que te ordenei que não comesses?”. O homem foi confrontado.

Esse é um tema que volta ao Novo Testamento, por exemplo, em Romanos 5.12, onde Paulo escreve: “Portanto, assim como por um só homem entrou o pecado no mundo, e pelo pecado, a morte, assim também a morte passou a todos os homens, porque todos pecaram”. Esse “único homem” é uma referência a Adão; por apenas um homem entrou o pecado no mundo. Da mesma forma, em 1 Coríntios 15.22, lemos: “Porque, assim como, em Adão, todos morrem, assim também todos serão vivificados em Cristo”, ou seja, a morte veio através de Adão. Esperávamos ler, que a morte tinha vindo através de Eva, porque Eva pecou primeiro. No entanto, lemos que Deus responsabilizou Adão. Aqui vemos o aspecto da autoridade (ou responsabilidade).

A relação entre homem e mulher (marido e esposa) depois da queda no pecado é descrita em Gênesis 3.16b, o Senhor diz à mulher: “E à mulher disse: Multiplicarei sobremodo os sofrimentos da tua gravidez; em meio de dores darás à luz filhos; o teu desejo será para o teu marido, e ele te governará”. Como devemos entender a palavra “governar” nesse texto? A palavra “governar” reflete um comando: o homem deve governar a mulher? Ou a palavra “governar” reflete uma profecia: na falência de um mundo caído, a mulher encontrará seu

marido constantemente tentando dominá-la? Se esse for o caso, certamente, a redenção em Cristo significará que o marido cristão não procurará “governar” sua esposa, e a mulher cristã não aceitará tranquilamente a dominação do homem. Em outras palavras: temos aqui uma estrutura de relacionamento diferente entre homem e mulher do que a representada em Gênesis 2, que fala de uma estrutura de submissão e autoridade?

Como se provou,¹⁶ a formulação em Gênesis 3.16 está paralela¹⁷ para o que lemos em Gênesis 4.7. Lá o Senhor diz para Caim, após ele ter oferecido seu sacrifício: “Se procederes bem, não é certo que serás aceito? Se, todavia, procederes mal, eis que o pecado jaz à porta; o seu desejo será contra ti, mas a ti cumpre dominá-lo”. Deus está dizendo a Caim que o pecado quer dominá-lo; que é uma realidade nesse mundo caído. Contudo, Deus acrescenta que Caim é responsável; ele não está autorizado a deixar o pecado controlá-lo. Caim deve lutar contra o pecado. Que é exatamente o que indicava em Gênesis 3.16. Deus diz à mulher, como um resultado da queda no pecado, que ela desejará governar o homem (“seu desejo deve ser para seu marido”), mas o homem não deve permitir que ela tenha sucesso (“e ele te governará”).¹⁸

Em Gênesis 3.16, então, temos o mesmo pensamento apresentado em Gênesis 2: uma estrutura de submissão e autoridade. Considerando que, no capítulo 2, era uma estrutura que vivia em harmonia, agora o Senhor diz que essa estrutura de submissão e autoridade será uma batalha. Aceitar o lugar que Deus deu será difícil. Em Gênesis 3.16 “descreve o início da batalha dos sexos.”¹⁹

Assim, vemos que a estrutura de submissão e autoridade implícita em Gênesis 2 é mantida após a queda, mas agora a mulher protesta seu lugar e o homem não tem os meios para manter a mulher gentilmente em sua posição. Portanto, há dor para o homem e para a mulher como punição pela queda no pecado.²⁰

- - Após a queda

A estrutura de submissão e autoridade em Gênesis 2 é mantida após a queda, e isso torna-se evidente a partir do que lemos mais adiante no livro de Gênesis e nos outros livros do Pentateuco:

- Somente nomes masculinos podem ser encontrados nas genealogias de Gênesis 5.10: Nesses capítulos, lemos quem viveu, por quanto tempo e quem gerou qual filho. Por que no capítulo os nomes são todos de homens? É assim porque a liderança está com o homem para que a mulher seja conhecida por e com o seu homem. Aqui a expressão é dada ao princípio de que o homem é o líder e a mulher é a sua auxiliadora.

- Abrão é chamado; não Sarai: Em Gênesis 12.1, lemos que: “*Ora, disse o Senhor a Abrão: Sai da tua terra, da tua parentela e da casa de teu pai e vai para a terra que te mostrarei;*”. Por que é Abrão chamado e Sarai não é? Sarai veio junto, pois ela era casada com Abrão. Contudo, Deus alegrou-se em se dirigir ao homem. Por quê? Por causa dessa mesma estrutura de submissão e autoridade em Gênesis 2.

- Somente os homens recebiam o sinal e o selo da aliança; não as mulheres: Em Gênesis 17.10, lemos: “*Esta é a minha*

aliança, que guardareis entre mim e vós e a tua descendência: todo macho entre vós será circuncidado”. Por que as mulheres não eram circuncidadas? A circuncisão para a mulher é possível. Além disso, Deus, soberano como Ele é, poderia ter dado um sinal e um selo da aliança diferente, um que poderia facilmente ser aplicado tanto aos homens quanto as mulheres. Mas Deus não fez isso. Por que não? Novamente, Deus continua dando expressão à estrutura do líder e auxiliar estabelecida no início e mantida apesar da queda.

- Somente os homens foram destinados sobre como o povo de Israel deveria se santificar na preparação para a vinda do Senhor no Monte Sinai. Na montanha, Deus faria o pacto com o seu povo. Uma das instruções recebidas em relação a essa santificação, foi esta: “*E disse ao povo: Estai prontos ao terceiro dia; e não vos chegueis a mulher*”. (Êxodo 19.15). Ou seja: essa passagem é dirigida aos maridos, os homens. Deus faz o pacto com Israel e fala aos homens. Não é que as mulheres não tenham um lugar no pacto, pois elas certamente tem. Mais uma vez, nesse texto, temos a evidência da estrutura de submissão e autoridade em que um é o cabeça e o outro é o auxílio.

- Deus designou apenas homens para o sacerdócio: Em Êxodo 28.1, o Senhor dá essa instrução a Moisés: “*Faze também vir para junto de ti Arão, teu irmão, e seus filhos com ele, dentre os filhos de Israel, para me oficiarem como sacerdotes, a saber, Arão e seus filhos Nadabe, Abiú, Eleazar e Itamar*”. Por que não os filhos de Arão ou as filhas de Arão? A razão é Gênesis 2: o papel do homem é ser o cabeça e o da mulher é ser uma cooperadora.

- Somente os homens são ordenados a comparecer perante o Senhor, e não as mulheres: *“Três vezes no ano, todo homem aparecerá diante do Senhor Deus”* (Êxodo 23.17; Deuteronômio 16.16). As mulheres não eram bem vindas? Elas, definitivamente, eram bem-vindas: Ana não foi junto com Elcana, uma vez por ano, para adorar o Senhor em Siló? O ponto é que a instrução é para o homem, porque ele é o cabeça.

- Os anciãos deveriam ser homens: o sogro de Moisés, movido pelo Senhor, dá esse conselho a Moisés: *“Procura dentre o povo homens capazes, tementes a Deus, homens de verdade, que aborreçam a avareza; põe-nos sobre eles por chefes de mil, chefes de cem, chefes de cinquenta e chefes de dez; Escolheu Moisés homens capazes, de todo o Israel, e os constituiu por cabeças sobre o povo: chefes de mil, chefes de cem, chefes de cinquenta e chefes de dez”*. (Êxodo 18.21,25). Por que as mulheres não são mencionadas? Porque o homem é ordenado por Deus para a posição de cabeça, líder.

- Somente os homens devem ser contados no censo de Israel: O Senhor diz a Moisés em Números 1.1-4, para numerar o povo. *“No segundo ano após a saída dos filhos de Israel do Egito, no primeiro dia do segundo mês, falou o Senhor a Moisés, no deserto do Sinai, na tenda da congregação, dizendo: Levantai o censo de toda a congregação dos filhos de Israel, segundo as suas famílias, segundo a casa de seus pais, contando todos os homens, nominalmente, cabeça por cabeça. Da idade de vinte anos para cima, todos os capazes de sair à guerra em Israel, a esses contareis segundo os seus exércitos, tu e Arão. De cada tribo vos assistirá um homem que seja cabeça da casa de seus pais”*. Deus dá

instruções de acordo com o princípio revelado em Gênesis 2.

- A esposa está sob a autoridade do seu marido: Em Números 5.19, lemos a lei de Deus concernente à esposa infiel: *“O sacerdote a conjurará e lhe dirá: Se ninguém contigo se deitou, e se não te desviaste para a imundícia, estando sob o domínio de teu marido, destas águas amargas, amaldiçoantes, serás livre”*. Note a frase, *“domínio de teu marido”*. “A esposa está ‘sob’²¹ o seu marido. É uma declaração explícita da posição subordinada da esposa”²². Esse texto não revela simplesmente um aspecto da cultura israelita, mas a ordenança em Gênesis 2.

- O uso de Deus do pronome masculino: Levítico 1 fala das ofertas que os israelitas tinham que trazer quando culpados de pecados específicos. No versículo 3, lemos: *“Se a sua oferta for holocausto de gado, trará macho sem defeito; à porta da tenda da congregação o trará, para que o homem seja aceito perante o Senhor”*. Por que o pronome é masculino? É porque os homens somente deveriam trazer um sacrifício se fossem gratos? Apreciamos que esse não era o caso. Os tradutores de idiomas inclusivos traduziriam desta forma: *“Se alguém oferecer uma oferta queimada do rebanho, que essa pessoa ofereça...”* O Senhor, entretanto, usa o pronome masculino. Isso não é cultura, mas um reflexo da estrutura que Deus determinou em Gênesis 2: o homem é o cabeça e a mulher é o auxílio. O pronome masculino não exclui as mulheres, mas dá reconhecimento ao fato de que a mulher é parte do homem e, portanto, o pronome masculino pode representar todas as pessoas.

É claro, então, que o que Deus ordenou no princípio, a saber, que o homem é o cabeça

e a mulher é o seu auxílio, é uma norma que Deus aplicou consistentemente em todo o Pentateuco. Embora homem e mulher sejam iguais perante Deus, suas funções na vida são diferentes. O homem é caracterizado por “liderança”, a mulher por “auxílio”. Esse é um assunto que Débora poderia conhecer.

4. Conclusão para o Dia de Débora

Com relação à Débora, precisamos concluir o seguinte:

1. Que não havia homens em Israel dispostos a assumir uma posição de liderança conforme os mandamentos de Deus em Deuteronômio 16.18 e 17.8, é trágico. Os homens em Israel estavam renegando o dever que Deus deu a eles.
2. Que o Senhor levantou um líder nessa ausência de liderança em particular é evidência da graça de Deus em que Ele deu um líder aos indignos. No entanto, que este líder é uma mulher é uma evidência do julgamento de Deus em que Ele constrangeu e envergonhou aqueles que deveriam ter sido líderes, voltando-se para os auxiliares.
3. A atitude de Débora, como observado acima, era muito conservadora com a revelação de Deus para Israel sobre o lugar e a função da mulher na relação para o homem. Débora era uma mulher que conhecia seu lugar dado por Deus como uma auxiliadora para o homem. Então, quando o homem não se levanta

para liderar, ela o faz, para encorajar Baraque a sair e fazer o que ele tinha que fazer. Débora usou a sua posição para “auxiliar” os homens a serem os “líderes” que deveriam ser. Em Juízes 4, vemos como Débora não era apenas uma auxiliadora em relação ao seu esposo Lapidote, mas aos homens em geral. Mesmo em sua posição como juíza em Israel, ela reconheceu o homem como cabeça, e entendemos que isso estava de acordo com as instruções de Deus em Genesis 2. Como mencionado anteriormente, Débora é citada em Juízes 4 como a esposa de Lapidote, porque ela conhecia seu lugar dado por Deus e o aceitou. Débora era uma mulher de fé.

5. Deus manteve esta norma depois da época de Débora

5.1 Homem e mulher continuam sendo iguais diante de Deus.

Existe alguma mudança na revelação de Deus depois de Juízes 4 e 5? Não existe. O princípio de Genesis 1 e 2 é mantido durante todo restante das Escrituras: homem e mulher são iguais perante Deus. Ambos, homem e mulher, são igualmente necessitados da salvação através de Jesus Cristo, por isso, Jesus proclamou seu Evangelho para o homem e a mulher da mesma forma.²³ Em Gálatas 3.28, lê-se: “*Dessarte, não pode haver judeu nem grego; nem escravo em liberto; nem homem nem mulher; porque todos vós sois um em Cristo Jesus*”. Diante de Cristo, somos todos iguais. Em 1 Pedro 3.7, lê-se que o esposo deve tratar

com dignidade a sua esposa, porque marido e esposa são “herdeiros da graça da vida”. Diante de Deus, o homem e a mulher são iguais.

5.2 Deus não fez mudanças na relação atribuída entre o homem e a mulher em sua relação interpessoal.

Na relação interpessoal entre o homem e a mulher, o princípio de Gênesis 2 também é mantido.

- Há uma razão pela qual o Salvador do mundo era um homem e não uma mulher ²⁴;
- Há uma razão pela qual os discípulos escolhidos eram homens e não mulheres, e, novamente, não é por causa da cultura da época. “Argumentar que a escolha de apóstolos por Jesus foi determinada pela cultura é ignorar o fato de que Deus escolheu a cultura e o tempo em que seu Filho nasceria”. [25] Se Deus quisesse que uma mulher fosse discípula, Ele teria chamado uma mulher para ser discípula e também a faria culturalmente aceitável;
- Em Atos 1.16, lemos Pedro em pé no meio dos discípulos (120 no total, incluindo ambos, homes e mulheres) e falando sobre preencher a vaga deixada em aberto por Judas. Pedro dirigiu seu discurso para “homens e irmãos”. Apesar que as palavras de Pedro foram, sem dúvida, destinada para todos os 120 discípulos, independente do sexo. Pedro reflete o princípio de Gênesis 2 para dirigir a reunião com referência aos líderes. Em 1 Coríntios 11.3, o apóstolo

escreve: “Quero, entretanto, que saibais ser Cristo o cabeça de todo homem, e o homem, o cabeça da mulher, e Deus, o cabeça de Cristo”. A estrutura de submissão e autoridade em Gênesis 2 permanece;

- Paulo escreve em 1 Coríntios 14.34: “Conservem-se as mulheres caladas nas igrejas, porque não lhes é permitido falar; mas estejam submissas como também a lei o determina”. A lei que é uma referência ao Pentateuco é: Gênesis, Êxodo, Levítico, Números e Deuteronômio. O princípio do começo é mantido em todas as Escrituras;
- Da mesma forma, lemos em Efésios 5.22-24: “As mulheres sejam submissas ao seu próprio marido, como ao Senhor, porque o marido é o cabeça da mulher, como também Cristo é o cabeça da igreja, sendo este mesmo o salvador do corpo. Como, porém, a igreja está sujeita a Cristo, assim também as mulheres sejam em tudo submissas ao seu marido”. É atribuído e também escrito sobre a função do marido de amar a esposa, a fim de possibilitar que ela se submeta. Contudo, a questão aqui é que o princípio de Gênesis 2 permanece, nos versículos a seguir. O Senhor diz à mulher em 1 Timóteo 2.12, “E não permito que a mulher ensine, nem exerça autoridade de homem; esteja, porém, em silêncio”. Encontramos uma exortação semelhante em 1 Pedro 3.1-6: “Mulheres, sede vós, igualmente, submissas a vosso próprio marido...”

Completamente, resume-se ao que lemos em Tito 2.1-5. O apóstolo Paulo instruiu seu servo

Tito no que ele deveria fazer. Tito deveria “falar o que convém à sã doutrina”. Tito teve que se dirigir aos homens mais velhos (verso 2) e às mulheres mais velhas (verso 3). Sobre as mulheres mais velhas, ele falou: “*Quanto às mulheres idosas, semelhantemente, que sejam sérias em seu proceder não caluniadoras, não escravizadas a muito vinho; sejam mestras do bem, a fim de instruírem as jovens recém-casadas a amarem ao marido e a seus filhos, a serem sensatas, honestas, boas donas de casa, bondosas, sujeitas ao marido...*”. A atitude de Débora e Gênesis 2 são reproduzidos aqui! É isso o que as mulheres mais velhas devem ensinar as mulheres mais jovens, e a razão é: “*para que a Palavra de Deus não seja difamada*”.

6. CONCLUSÃO PARA OS NOSSOS DIAS

Devemos encorajar nossas filhas para desejar o tipo de posição que surge em nossa mente, quando ouvimos que Débora era uma juíza? Devemos encorajar nossos filhos a serem “os Baraques, Lapidotes e 10 mil homens que consentirão com Deus em usar suas Déboras”? A resposta é distintamente não! Em vez disso, as mulheres precisam incentivar a si mesmas e suas filhas a serem ajudantes, reconhecendo que Deus deu autoridade e responsabilidade ao homem. Da mesma forma, cabe às mulheres encorajar seus homens e seus filhos a serem líderes no casamento e na família, na igreja e na sociedade.

Isso não quer dizer que as mulheres ou suas filhas jamais possam ter uma posição de liderança; Deus é soberano e pode dar uma posição como ele fez em Juízes 4. Mas encontrar-se em tal posição é bastante diferente do que aspirar ou colocar seus olhos nessa posição.

No fundo, é uma questão de fé. A revelação de Deus é clara para o papel que Ele deu à mulher em relação ao homem. Importante não é se essa revelação se encaixa bem conosco, pecadores como nós somos. Importante é o que o Senhor diz. A fé estimula a aceitação humilde da revelação de Deus. O que existe é uma infelicidade com as funções recebidas pelo homem e pela mulher como foi estabelecido em Gênesis 3.16. E, para nós, é necessário aceitar com humildade a posição que Deus nos dá.

Débora é, então, um exemplo para as mulheres? Sim, ela é, mas não como preconizada pelas feministas. Débora é um exemplo para as mulheres, pois ela era uma mulher de fé. Em suas circunstâncias, Débora procurou ajudar os homens a serem os líderes que deveriam ser. Débora (e Baraque) é um constrangimento para os homens? Sim, pois os homens daqueles dias não eram os líderes que deveriam ser, por isso, Deus envergonhou os homens ao dar uma Débora.

Que homens e mulheres do Senhor encorajem uns aos outros para aceitarem humildemente os respectivos papéis que Deus deu a homens e mulheres em seu mundo, “*para que a Palavra de Deus não seja blasfemada*”.

Notas:

1. Texto de um discurso preparado para o Dia da Liga das Mulheres, realizado em 29 de outubro de 1997, na Igreja Reformada Livre de Kelmscott. Expresso minha gratidão a Johanna vanderPlas por tomar notas abundantes do que eu disse, e tão habilmente colocá-las no papel.
2. Donna Strom: “Onde estão as Débora e Baraks?” em Revista Evangélica de Teologia (Vol 10/1), p.

- 19.
3. Ibid, p. 23.
4. Ibid, p. 25.
5. Um deSnoo em Vrouw, wie ben je? (Uitgave van de Bond van Gereformeerde Meisjesverenigingen in Nederland, 1988), p. 43.
6. cf Miriam e Hulda.
7. Gênesis 38.
8. Gramática hebraica de Gesenius, §131b faz este comentário sobre esta passagem: “uma certa mulher” (indefinida) Débora (nomeada), que também era uma profetisa.
9. cf Ponto 4 abaixo: Conclusão para o dia de Débora.
10. cf Lillian Klein, O Triunfo da Ironia no Livro dos Juízes (Decatur: The Almond Press, 1989), p. 41. Ver também A Janse, Eva’s Dochteren (Kampen: Kok, 1923), p. 93.
11. Cf Thomas R Schreiner, “Os Valiosos Ministérios das Mulheres no Contexto da Liderança Masculina: uma Pesquisa sobre os Exemplos e Ensinos do Antigo e do Novo Testamento”, em Recuperar a Masculinidade e a Feminilidade Bíblica: Uma Resposta ao Feminismo Evangélico, editores: John Piper e Wayne Grudem (Wheaton: Crossway Books, 1991), p. 216.
12. Ibid, p. 216.
13. Cf Holwerda, Richteren I (Kampen: vandenBerg, nd), p. 17: “Ele não se apóia simplesmente no Senhor e, portanto, não entende a lição do Cap III, que o Senhor SOMENTE faz, e Ele, portanto, escolhe servos inúteis, portanto a honra vem para uma mulher (alguém que vai para a batalha) não chamado e capaz como o servo do Senhor “.
14. Veja neste contexto também Isaías 3.4 e 12.
15. Holwerda, Exegese do Antigo Testamento (Deuteronômio), (Kampen: vander montanha, nd) p. 424” ... depois de relatos ook Ponto IV 4V e I Sam VII 6vv é, portanto, uma tragédia ontsellende: os ministros jogos globais com os seus deveres, e só a graça de Yahweh, que gera carismáticos, protege as pessoas do colapso total da vida legal “.
16. Para este parágrafo estou em débito com Susan Foh, Mulheres e a Palavra de Deus: Uma Resposta

ao Feminismo Bíblico (Phillipsburg: Presbyterian & Reformed Publishing Co, 1979), p. 68f.

17. O hebraico é idêntico, exceto pelos pronomes.
18. Se eu puder citar as próprias palavras de Foh: “Após a queda, o marido não mais governa facilmente; ele deve lutar por sua liderança. O desejo da mulher é controlar seu marido (usurpar sua liderança divinamente indicada), e ele deve dominar ela, se ele puder. O pecado corrompeu tanto a submissão voluntária da esposa como a liderança amorosa do marido. E assim, a regra do amor fundada no paraíso é substituída pela luta, tirania, dominação e manipulação” (p. 69).
19. Ibid.
20. NOTA: Gen 3.16b não é uma maldição!!! A serpente é amaldiçoada (Gn 3.14) e o chão (v. 17), mas não a mulher (v. 16) nem o homem (v.17ss).
21. (Desculpe, hebraico não está disponível em HTML).
22. Foh, p. 75.
23. cf Foh, p. 91f.
24. cf Mt 1.25; Apocalipse 12.5.
25. cf Foh, p. 93.

Tradução: Morgana Mendonça

Revisão: Yuri Costa

R E V I S T A
D I A K O N I A

"SERVINDO A QUEM FOI CHAMADO A SERVIR."



INSTITUTO
JOÃO CALVINO



*Toda semana publicamos novos artigos em revistadiakonia.org.
Visite o site, inscreva-se em nosso Informativo e receba notificações sobre
novas publicações.*